

# PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

## Luz sobre mudanças

• O presidente recorre à formalidade da entrevista coletiva sempre que precisa distinguir uma mensagem no emaranhado do noticiário ou deseja valorizar sua fala com o peso da liturgia do cargo. A última foi em agosto, na crise do Banco Econômico. Com a de amanhã, ele chama a atenção do país para os feitos de seu primeiro ano de Governo, abafados pela zoeira de dezembro, que misturava Sivam, grampo, pasta rosa e sinos de Natal.

Será a terceira entrevista formal, descontadas as centenas de respostas, frases e falas que ele solta em encontros, viagens e portas de palácio. Fernando Henrique é um dos presidentes que mais falam e declaram, mas a formalidade da coletiva é um recurso para diferenciar a mensagem. Em agosto ele precisava contestar a versão de que fizera com o PFL baiano um acordo nocivo aos interesses do país e depois o negara sob pressão da diretoria do Banco Central. Agora, pede que se preste mais atenção ao que ele já fez.

Coordenador político, árbitro da economia, chanceler máximo, faz-tudo no Governo, Fernando Henrique é também o melhor comunicador de sua equipe. No pronunciamento de 29 de dezembro, ele falou do que fez em 1995, mas o momento não foi bom. As pessoas não estavam ligadas nesse tipo de assunto. As estatísticas não estavam bem amarradas e o Governo subestimara a mais importante delas: o aumento no consumo de alimentos, divulgada por um funcionário de segundo escalão.

Amanhã Fernando Henrique insistirá neste feito, que deixa a oposição zozna. É difícil combater um Governo que permite ao povo comer mais — seja frango, seja iogurte. E, mais importante, que está promovendo uma efetiva distribuição de renda em país tão iníquo. A renda dos 10% mais pobres cresceu 30% no ano passado, segundo dados do Governo. A dos 30% mais pobres cresceu 25%. Por coisas assim é que, acredita Fernando Henrique, a opinião pública não se abalou com casos como os do grampo e da pasta rosa. Na fala que precederá a entrevista ele chamará a atenção para esses e outros feitos e fará um prognóstico animador sobre as reformas e os próximos meses. Mas depois virão perguntas que ele achará maçantes. Ossos do ofício.

Ao convocar a entrevista, o presidente está também dando um puxão de orelhas em seus ministros. Cumprissem eles seu papel de comunicadores e ele não precisaria vir a público pessoalmente defender as realizações de seu Governo.